

ARTIGOS

MÁQUINAS FALANTES: E SUAS PRODUÇÕES DE SIGNIFICAÇÕES SUBVERSIVAS NO CONTEXTO HIPERMODERNO DO CONTEMPORÂNEO

Talking Machines: Their productions and subversive meanings in the context of contemporary hypermodernism.

João Athaide*

Resumo: É proposto neste construto devassar o atual processo de formação do referencial identitário do contemporâneo, através do descortinamento maquínico das trocas sígnicas produtoras de subjetividades dos grupos populacionais de pessoas travestis, transexuais e transgêneros - brasileiros - e da transmissão geracional dos significantes tradicionais aos significantes iniciantes, do referido processo de formação identitária.

No sentido de expor a estrutura desses processos em contraparte com a interseção entre o inconsciente e os diversos processos sociais - dentro de uma determinada ação comunicativa - objetivando a produção de significações e a construção da noção de corporeidade na cartografia vigente, utilizando a perspectiva de linguagem saussuriana e da alíngua lacaniana.

Palavras-chave: Processos identificatórios; significante, linguagem, alíngua, anamorfose.

Abstract

It is proposed in this construct, to penetrate the actual process of formation in reference of contemporary identity

through the unveiling of machinic signical exchanges producing subjectivity of population groups such of transvestites, transsexuals and transgender - brazilians - and generational transmission of traditional signifiers.

To find significant contemporary beginners in training their processes and in order to explain the structure of these processes counterpart the intersection of the unconscious and the various social processes - within a certain action communicative - aiming at the production of meanings and the construction of the notion of corporeality in the reigning cartography, using the perspective of language saussurean and of the lacanian alanguage.

Keywords: *identificatory processes; significant speech, language, anamorphosis.*

A noção de identidade é um tema que ocupa um papel de destaque na produção da ciência social contemporânea. A acepção conceitual empregada neste construto a define como um conjunto sógnico de códigos permeados por regras e normatizações - forjado através do exercício de papéis em interações desencadeadas por uma dada ação comunicativa - e significado pelo inconsciente, durante qualquer representação social.

Que surge e se estrutura pela diacronia da linguagem - visando transmitir signos por meio da interação da alíngua¹ - e se manifesta pela fala de maneira independente e singular,

conduzindo o repertório das representações e o sentido da comunicação front a tarefa de significar um determinado processo identificatório durante qualquer interação.

Tais processos, interações ou metamorfoses - por sua vez - agem diretamente no inconsciente de qualquer sujeito falante. É a forma individual que todo e qualquer indivíduo utiliza pra sincronizar determinados códigos enquanto o conjunto de tudo o que é possível ser nomeado de Eu, antes de ser descortinado por uma ação comunicativa - processualmente - no troca-troca simbólico de impressões sobre a cartografia vigente.

Ou seja, é dentro desse sistema semiótico de significações que os processos identificatórios surgem e ganham conotações simbólicas através de papéis sociais, que agem como saliências hierarquizadas na economia psíquica de todo e qualquer sujeito falante - aglutinado em pares por meio da identificação de algum atributo ou estigma em comum - pra legitimar o seu teor semiótico durante uma dada representação.

Em outras palavras, o papel da semiótica é destacado aqui, como uma ferramenta interpretativa desses processos identificatórios - pra decifrar simbolicamente o conjunto de códigos existentes em qualquer processo sógnico - priorizando a significação deles na produção da subjetividade e nos processos identitários interpessoais, através da semiose.

Pra devassar como o resultado da significação desses processos é incorporado na estrutura de qualquer inconsciente individualizado - como a impressão sígnica de uma figuração traduzida - passando a produzir sentido e simultaneamente significando outros processos identificatórios, inclusive pra denotar a autonomia dessa função simbólica.

Em estruturar simbolicamente o conjunto de códigos que comporá o repertório sígnico do inconsciente de qualquer sujeito falante - filtrado pela barreira imagética² resistente a significações pejorativas não condizentes com os valores e o sentido que coordenam as interações entre papéis sociais durante uma dada ação comunicativa - forjado na representação de qualquer processo relacional, pelo domínio sígnico da linguagem.

Tendo em vista a idéia de processo identificatório do psicólogo social João Athaide baseado na experiência trans, que incide em desenhar tais processos, interações ou metamorfoses - simultaneamente - enquanto constroem o próprio corpo, em “Fronteiras de Gênero pra quê: uma abordagem nada convencional sobre a produção de referências identitárias na contemporaneidade”³, outro fluxo psicossocial de produção identitária irrompe o tempo e o espaço do contemporâneo - numa velocidade high-tech - vertiginosa e sem precedentes pro modo de vida convencional e fundamentalista.

Onde esses corpos-sexuados - trans - revelam processos que se articulam em uma relação de forças aparentemente destituída de qualquer conteúdo político, visando se estabelecerem dentro da estrutura social do contemporâneo - governamentalizada pela mercantilização de todo o domínio da experiência humana - que os significam como outsiders por representarem as contradições produzidas por esse sistema simbólico.

Um tipo de hipermodernidade que desconstrói e constrói cadeias sógnicas na mesma voracidade que o sistema capital expõe os seus produtos em suas modernas vitrinas à espera de significações e em seqüência os descarta - pra compor um novo sistema sógnico que representará a próxima novidade de um establishment em constante resignificação - objetivando produzir sujeitos em consonância com essa estratégia de individuação do capital contemporâneo, ou seja, esteticamente singulares e descartáveis.

A lógica dessa estratégia também é um tema de destaque na produção da ciência social contemporânea. Aonde o cerne dessa questão vem sendo tratado como a imposição de determinados marcadores societais que incide na inserção de uma lógica no modo de vida individual do sujeito contemporâneo - simbolizados esteticamente pelo fetichismo mercadológico - com um estilo de vida, regras e normatizações já pré-estabelecidas.

Onde tais sujeitos falantes se tornam indivíduos consumidores frente a necessidade de dialogar com um sistema simbólico multifacetado e com variadas opções de cadeias sógnicas disponíveis - bastando escolher a mais adequada ao seu poder aquisitivo - pra acessar um determinado tempo e espaço ou interagir com tantos outros, através da interiorização do conjunto de regras e normatizações condizentes com o papel social escolhido, e representá-lo, enquanto um condensado de signos, numa dada cartografia.

Em relação aos sujeitos falantes que não conseguem penetrar numa molécula⁴ estabelecida pra se individualizar por não disporem um poder aquisitivo condizente, ou por não possuírem os elementos distintivos necessários pra acessá-la por representarem as mazelas e as contradições de sua comunidade de pertença - conforme as pessoas trans - precisaram elaborar estratégias pra se libertarem dos mecanismos de dominação e opressão simbólicas, cerceadores de mobilidade social, da preterida população.

Remanescentes do movimento da feminilidade do decênio 60' e 70', do movimento antiarte mais exacerbado no decênio 80' pela música, e do movimento das sexualidades transgressoras iniciado no decênio 90', tais sujeitos falantes criaram e geriram novos coletivos independentes pra coletivizar simbolicamente um conjunto sógnico de códigos -

condizentes com as suas idéias propositivas, papéis e representações sociais - estigmatizados e considerados marginais perante outras moléculas sociais estabelecidas.

Além disso, a utilização da experiência trans como o recorte qualitativo deste construto, também se deve ao fato das pessoas travestis, transexuais e transgêneros, corporificarem a tênue demarcação psicossocial entre os marcadores de diferença dos gêneros feminino e masculino, através da fronteira existente entre o que é considerado “natural” e “artificial”, desenhada em seus corpos outsiders. Já que representar essa experiência no contexto hipermoderno, significa transgredir a zona limítrofe entre as categorias homem e mulher, referenciada nos corpos-sexuados - heteronormativos - do contemporâneo.

O importante em destacar no processo identificatório denotado na pesquisa acadêmica de Athaide, é o fluxo que recicla o conjunto sógnico de códigos atribuídos no momento do nascimento pelo sexo biológico, visando forjar um conjunto sógnico condizente com o repertório de papéis necessários pra a representação desse outro personagem - trans - que perpassa por duas dimensões, antes de ser significado como uma figuração do real.

Enquanto numa dimensão é iniciado o processo de desgendramento simbólico das associações entre o conjunto de regras e normatizações que determinam os papéis e os

marcadores sociais que norteiam a existência de qualquer sujeito falante no processo social - especificamente os forjados pela lógica heteronormativa - aonde o gênero é que define o modo de vida individual, independente do repertório de papéis representados.

Noutra dimensão, o processo de identificação se torna imagético porque incide na escolha de papéis que esse outro personagem em formação representará, enquanto uma pessoa trans. Produzidos através de novas associações esquemáticas e permeados por um conjunto sógnico - reciclado - sobre a feminilidade, que o inconsciente apreendeu através da linguagem sobre o que é ser mulher em interseções específicas, agora são significados no jogo representacional cotidiano de uma determinada ação comunicativa.

O enfoque epistemológico que direcionou o respectivo descortinamento maquínico do processo identificatório trans foi estruturado a partir da aferição das seguintes variações medianas: Esse processo existe? Como ele é iniciado e quais ações aparecem com maior frequência no quadro de referência metodológico? Quais comportamentos caracterizam tal processo durante uma dada representação social? Que referências sógnicas foram apropriadas com maior frequência por essas pessoas? Quando e como ele termina?

A variável aferida com maior frequência e por isso mais indicada pra denotar o início desse processo, é o desengendramento do conjunto sógnico de códigos atribuídos simbolicamente pelo sexo biológico ao nascer - através do rompimento do laço afetivo familiar e da comunidade de pertença ao quais os referidos indivíduos são originários - fase em que essas pessoas costumam se socializar apenas com indivíduos que estejam engendrados no mesmo processo de formação sógnica ou de repertório de papéis sociais.

Outro elemento distintivo e identificatório freqüente nesse processo⁵ é a prática da terapia-hormonal que incide na aplicação de hormônios femininos ou masculinos utilizados pra a modificação corporal: como a diminuição ou o aumento de pêlos, o desenvolvimento de mamas e quadris, e pro arredondamento das formas em oposição a angulação masculina - geralmente iniciados na puberdade - uma espécie de processo ritualístico necessário pra ser reconhecido como membro desses coletivos de referência.

No caso do silicone, a mudança corporal consiste em resultados mais rápidos, pois ao fim de cada aplicação as diferenças são visíveis. A pessoa que aplica o silicone - geralmente as pessoas trans mais antigas - é conhecida como bombadeira, pelo fato do procedimento de infiltração do silicone ser nomeado “bombar” pelos preteridos sujeitos.

A relação pejorativa entre essa próton molécula social com o estigma transgressor de gênero⁶ os acomete em um tipo de colcha de retalhos outsider em busca de informação sobre a experiência trans, de afetividade e inserção profissional, criar novas formas de vínculos de pertencimento - resignificando as já existentes - e desenhar outro lugar de destaque pro exercício do controle societal do próprio corpo, sem o estigma patológico.

No sentido de significar esse outro processo identificatório que se tornou visível dentro dessa nova cadeia signíca desenhada e refletida em seu próprio corpo - na maioria das vezes em formação - e condizente com o novo repertório de papéis sociais escolhidos pra vivenciar a experiência trans com orgulho e prazer, revelando outros processos que se articulam dentro de uma aparência a - histórica e destituída do seu conteúdo político.

Pra construir socialmente um sujeito falante que possa ir e interagir além dos diversos marcadores espaciais de gênero e sexualidade, e dos diferentes tipos de mecanismos de controle societais heteronormativos, que também influenciam a criação de valores e sentidos do conjunto signíco de códigos produzidos simbolicamente pelo respectivo processo identificatório - que incide em considerar uma pessoa trans alguém que se resignificou e se reconstruiu além dos padrões

impostos pelo seu sexo biológico - através do exercício do repertório de papéis escolhido em acordo com a noção de gênero produzida durante as interseções promovidas pelos coletivos de referência trans, e resignificar o laço afetivo com a comunidade de pertença ao qual é originário.

Dessarte, o autor também destacou que ao se individualizarem nesses coletivos de referência sùgnica visando serem identificados como uma pessoa trans, em acordo com as significações sinalizadas na narrativa dos personagens tradicionais ainda atuantes nos coletivos e nas manifestações prótons moleculares da população em questão, em sua maioria voltaram a se relacionar com a família, os amigos e os colegas da comunidade de pertença, e até a dialogar com algumas instâncias da estrutura social convencional, o que já denota a existência de um processo identificatório neste descortino maquínico.

Na medida em que a estrutura desse processo é descortinada seguindo o pressuposto lacaniano de interseção entre o inconsciente e o processo social através da linguagem, a importância de algum tipo de transformação ou revolução sexual no domínio simbólico do gênero masculino é revelada - no sentido de libertá-lo da “camisa de força” designada pelo seu sexo biológico - pra transgredir a rígida fronteira imposta por padrões comportamentais tradicionais, que legitima a dominação patriarcal sobre o masculino, através da inibição de qualquer tipo de sensibilidade não convencional.

Já, que o preterido processo identificatório representa exatamente a transgressão do eixo estruturante do diagrama totalitário fundamentalista do contemporâneo que, ao difundir a noção de valores e sentidos tradicionais por instituições fundadas pela idéia de uma imagem ou alguma verdade divina, também impõe uma ordem societal com estratégias sociopolíticas pautadas na manutenção sistêmica do capital - objetivando a afirmação do núcleo familiar patriarcal - com a finalidade de gerar o seu próprio exército de reserva.

Processualmente, ao perceberem também seus corpos enquanto próteses e tratamentos hormonais, a dicotomia entre o que é considerado artificial e natural pelo domínio masculino é resignificada, através dessa nova significação do corpo como o resultado da utilização de tecnologias de modificações corporais e o gênero como um processo que transforma tal experiência em corpos sexuais - nesse caso a experiência trans - encontra um fluxo pra ser engendrada pela semiose nesse mosaico sígnico de significações sobre o domínio masculino, em constante negociação com os padrões de gênero falocêntricos.

E é dessa tensa negociação que surgem outras possibilidades de interpretação de tais significações, sobre a tênue fronteira entre os marcadores espaciais de gênero

- constantemente resignificada - além de forjar outros papéis no processo social do contexto hipermoderno do contemporâneo, por contestar os valores e o sentido societal que sustentam a heteronormatividade, às suas regras, leis e normatizações negadoras, vis-à-vis pra todos gozarem a própria liberdade expressional e sexual absolutamente.

Significações que introduzem a noção de processos identificatórios intercambiados pela linguagem, entre o inconsciente e a dimensão do real, e vice-versa, onde o sujeito passa a ser o efeito dessa relação significante por refletir a simbiose de tais processos no plano individual, nesse caso a pessoa trans - simultaneamente - enquanto o seu corpo é produzido semioticamente e transformado enquanto uma costura sónica de peças avulsas - restos dessa divisão - e resignificado por interações no processo social.

O gozo em ser esse novo sujeito falante só é contemplado quando a sua cadeia sónica e o seu corpo transcendem a barreira da androgenia, privilegiando a vertente sónica da feminilidade - *sache*⁷ - escolhida, que mais contempla a idéia em ser mulher - como uma insígnia que traça e desenha esse outro corpo e os modos e os costumes desse devir - assemelhada com a figuração feminina que melhor representa os contextos do imaginário, simbólico e real, que essa subjetividade individualizada perpassa e significa.

Uma anamorfose⁸ que revela a tridimensionalidade de uma figura em permanente construção, onde a imagem projetada no jogo dessas representações passa a ser o próprio sujeito significativo marcado pela virtualidade do processo identificatório em questão, e por outras diferentes significações na dimensão do real, que se encontram fora do inconsciente - do outro lado dessa divisão subjetiva onde existe corpo - frente a tarefa de se engendrar na estrutura contemporânea e interagir com a sua rede simbólica.

No sentido de revelar como as diversas formas de dominação e opressão simbólicas sentidas no plano individual são construídas socialmente e motivadas por tensões oriundas de padrões comportamentais - como o heteronormativo - e reproduzidas pelo falocentrismo, como também, tecer a colcha de retalhos mencionada, pra neutralizar as diversas incompatibilidades aferidas na narrativa dos preteridos sujeitos outsiders.

Além de contribuir pro crescimento da liberdade expressional no plano social e político, e processualmente, garantir que novas referências identitárias sejam consolidadas pra influenciar diretamente a produção das subjetividades contemporâneas - modificando o modo de pensar, de agir, de se vestir - e primordialmente, o modo de representar dos seres hipermodernos, em noutra ótica produzida especificamente com essa finalidade.

Ou seja, na medida em que o inconsciente rompe com a interseção entre significado e significante dentro desse processo significatório, o significante adquire mais autonomia em relação ao signo a ponto de romper com o caráter social da língua, se tornando uma linguagem propriamente singular de cada sujeito falante - fenômeno denominado de alíngua - significadora de total autonomização na ação durante qualquer representação.

O diferente modo de visualizar e compreender as transformações ocorridas especificamente nesses processos significatórios do contexto hipermoderno do contemporâneo, permite conceber o inconsciente como uma cadeia articulada guiada por regras e normatizações de uma ordem fechada - onde o consciente é considerado um produto da linguagem em plena ruptura sígnica e resistente a significações - fenômeno esse, gerador do neologismo *lingüisteria*, que condensa as palavras *lingüística* e *histeria*.

Esse indivíduo da *lingüisteria* é denominado “parlêtre”⁹, ou seja, um tipo de articulação individualizada com o significante pela linguagem que constitui um dualismo entre o saber e o corpo - ou o tensionamento do saber que constitui o sujeito e a identificação do ser modificado pela alíngua - resignificado como o efeito dessa relação significante.

Mutatis mutandis, este construto teórico objetivou descortinar o funcionamento sógnico dos processos identificatórios forjados em representações - cujo sentido é a manutenção da estrutura maquínica humana - através do acesso ao inconsciente proporcionado por tais interseções maquínicas durante qualquer processo social - priorizando as significações da experiência trans via transmissão geracional, e também, a construção do corpo e da noção de identificação desses sujeitos falantes por meio da linguagem.

Priorizando destacar a importância da formação e da manutenção desses coletivos de referência denotados outsiders, pra a formação de processos identificatórios por meio da afetividade e da difusão informacional sobre a experiência trans - através da narrativa histórica dos personagens tradicionais ainda atuantes - visando desenhar tais processos simultaneamente com a construção do corpo trans, em acordo com o conjunto sógnico de códigos engendrados nesses espaços interativos, com o intuito de desencadear uma espécie de revolução na economia simbólica das outras moléculas sociais estabelecidas.

Com o objetivo de formar indivíduos pra representar a experiência trans e interagir com outras moléculas globalizadas pelo contexto hipermoderno - bastante significativa nas sociedades contemporâneas - e aferir por este descortino

maquínico, se existe alguma consistência nos vários tipos de discursos estigmatizadores sobre tal condição, por meio dos nós lacanianos que conectam os registros real, simbólico e imaginário, através da utilização do quarto nó de maneira invertida - à ex-sistência - que se opõe a qualquer ligação entre os três primeiros registros, e impede a patologização dessa experiência.

Porque não existe consistência alguma nesses discursos. Pois, ser uma pessoa trans não significa “padecer” de nenhum sintoma psicopatológico necessariamente - como o chamado transtorno de gênero - restando apenas a destigmatização desses processos identificatórios e a despatologização processual do inconsciente dos sujeitos falantes em questão, pra que os mesmos possam produzir sentidos sobre tal experiência no plano individual e construir conscientemente, uma dada realidade aonde seja possível gozar livremente dessa nova máquina, guiada pelo desejo molecular de transformação.

Também preconizou a transgressão da fronteira dos marcadores espaciais de gêneros desenhada nos corpos das atrizes e dos atores revelados por esse processo - considerando-os uma figura condensada, visando representar tais transformações sociais - que dizem respeito a confusão entre as dimensões do imaginário e o real, simbolizadas pela ruptura - processual - entre uma modernidade negadora e outra mais integradora.

Pronto, adentramos o tempo hipermoderno¹⁰, onde tudo que é sólido se desmancha ou se liberta, fazendo com que as representações desenhadas como marginais pelas moléculas estabelecidas da modernidade negadora, produzam acessos e outras formas de ocupação dos espaços e equipamentos públicos, com o intuito de intervirem contra a padronização desta lógica negadora - fundamentalista - pra também se estabelecerem.

Com o intuito de engendrar tais processos - corporificados - no cotidiano da sociedade contemporânea, liberando outra dimensão mais integradora - hipermoderna - no sentido de formar indivíduos mais autônomos e fora dessa lógica convencional que considera o atual desenvolvimento da sexualidade, um mecanismo de repressão e controle societal.

Um tipo de troca e experimentação de outras referências que propicie a reciclagem do repertório de papéis disponíveis, através do reconhecimento de que todas as formas de dominação e opressão simbólicas sentidas no plano individual são construídas socialmente, e que precisam ser extirpadas do atual processo social, pra que essa outra lógica de identificação integradora, construída a partir da apropriação simultânea de várias peças avulsas e referências identitárias, galgue o seu espaço e a sua legitimação.

Sem delongas, a experiência trans foi a melhor representação, entre outros tipos de manifestações outsiders, pra contextualizar a perene tarefa de individualizar-se front as mazelas impostas pelos diversos tipos de totalitarismos, antes que todo e qualquer sujeito falante se desgendre da ausência de sentidos motivada pela negação e se integre nessa outra lógica - aonde o humano ocupa um lugar de destaque no exercimento do controle societal de seu corpo - no tecido cartográfico hipermoderno do contemporâneo.

Notas

* Sociólogo e mestre em Psicologia Social pela PUC - São Paulo, é professor de Psicologia Social e pesquisador em Lingüística e Semiótica. Também possui experiência na elaboração e implementação de projetos socioartísticos, e na prospecção de parceiros e agentes financeiros no setor financeiro, através de leis de incentivo fiscal. Atualmente não possui vínculo institucional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5814959206033032>
e-mail: jathaid@hotmail.com

¹ Um conceito lacaniano que incide em questionar a sua própria definição sobre o inconsciente ser estruturado como uma linguagem - propondo inserir uma mudança de sentido na abordagem

do real no campo psicanalítico - por considerar a dimensão do real contemporâneo, um plano sem uma ordem estabelecida e sem sentido, propositalmente. Ver, Lacan, 1985.

² Ver, Lacan, 2006 (1968 - 1969).

³ Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social, defendida em maio de 2013.

⁴ Um conceito de Guattari utilizado aqui, pra denotar a formação de grupos. Ver, Guattari e Rolnik, 2008.

⁵ Pra um maior aprofundamento sobre o diálogo da prática de modificação corporal e seus efeitos - apresentado aqui - simultaneamente com o processo de formação identitária trans, ver Benedetti, 2005.

⁶ Pra um melhor entendimento sobre os estigmas que uma pessoa trans esta acometida, ver, Bento, 2006.

⁷ Sache é o produto da indústria ou da ação humana governada pela linguagem. Ver, Lacan, 1985.

⁸ Étimo de origem grega, foi utilizada aqui, pra significar o processo de construção da forma trans pela estética, como um efeito projetado através da semiose da feminilidade, aos olhos de qualquer significante.

⁹ Ver, Lacan, 1974.

¹⁰ A terminologia hipermoderno foi empregada aqui, pra contextualizar a idéia de um novo tempo ou período histórico no espaço do contemporâneo, gerado pela ruptura com a modernidade através do ciclo pós-moderno - que se deu sob o signo da descompressão cool do social - no final da década de 70. Ver, Lipovetsky, 2004, p. 51-52.

Referencial Bibliográfico

ATHAIDE, João P. (2013). *Fronteiras de Gênero pra quê: uma abordagem nada convencional sobre a produção de referências identitárias na contemporaneidade*. (Dissertação de mestrado não-publicada). PUC - São Paulo.

BAUDRILLARD, Jean (2000). Significação da publicidade. In Lima, Luiz Costa (org). *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra.

BEAUVOIR, Simone. (1983). *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BECKER, Howard. (2008). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.

BECKER, Howard. (2009). *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Zahar.

BENEDETTI, Marcos. (2005). *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.

BENTO, Berenice. (2006). Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem. Brasília: *Revista eletrônica da UNB*.

BOURDIEU, Pierre. (2002). *Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CARVALHO, Frederico Zeymer Feu (2006). *Letra, lingüística, lingüisteria*. Disponível em: www.ebp.org.br.

CARVALHO, L. A. V., KUBRUSLY, R. S. (2007). *Estrutura, Memória e a Emergência da Lei no Seminário sobre “A Carta Roubada”*. Artigo publicado pelo Programa de Pós-graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia.

CASTELLS, Manuel (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra.

FACCHINI, Regina (2005). *Sopa de Letrinhas: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond.

FREUD, S. (1969) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

GOFFMAN, Erving. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.

GOLDENBERG, Mirian. (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. São Paulo: Record.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely (2008). *Molecular revolution in Brazil*. Cambridge: MIT Press.

HABERMAS, Jürgen (1989). *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

HARAWAY, Donna (1991). A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In *Simians, Cyborgs, and Women*. Routledge: NY.

HARVEY, David. (1989). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Editora Loyola.

HELLER, Agnes. (2000). *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.

IRIGARAY, Luce. (1978). *Speculum. Espéculo de la Otra Mujer*. Madrid: Saltés.

LACAN, J. (1962). *O Seminário, livro 09: A identificação*.

- LACAN, J. (1974). *O Seminário, livro 22: R.S.I.*
- LACAN, J. (1985) *O Seminário, livro 20: Mais, ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2006[1968-1969]). *Le Séminaire, livre XVI: d'un Autre à l'autre.* Paris: Éditions du Seuil.
- LIPOVETSKY, Gilles e CHARLES, Sébastien. (2004). *Os tempos hipermodernos.* São Paulo: Barcarolla.
- MELLO, Lucia Maria de Lima (2006). *Da Paranóia à Psicose Ordinária.* (Dissertação de mestrado não-publicada). PUC - Minas Gerais.
- MOSCOVICI, S. (2004). *Representações sociais: investigações em psicologia social.* Petrópolis: Vozes.
- PEIRCE, C. S. (1992). *Collected Papers.* Versão eletrônica, Intelelex.
- SAUSSURE, Ferdinand (1900). *Cours de Linguistique Générale.* Paris: Payot.
- VIEIRA, C. H. (1997). O Sujeito entre a Língua e a Linguagem. In *O sujeito entre a Língua e a Linguagem.* PARLATO, E. M. & SILVEIRA, L. F. B. (Orgs.) São Paulo: Lovise.